

Museus mais acessíveis: metodologias participativas na criação de visitas para exposições museológicas

Cláudia Martins – CITEd, Instituto Politécnico de Bragança

Eugénia Mendes – LiveWell, Instituto Politécnico de Bragança; Ana Prada – CITEd, Instituto Politécnico de Bragança; João Rocha – GICoS, Instituto Politécnico de Bragança; Jorge Santos, Instituto Politécnico de Bragança

Introdução

Desde o início do século XX que os museus têm sido considerados como locais de educação informal, onde os visitantes realizam aprendizagens em contexto cultural por meio de visitas guiadas, atividades dos serviços educativos ou com materiais de mediação. João Couto é considerado por muitos o “pai” dos serviços educativos em Portugal: não só defendeu a tese “Educação pela Arte” (em 1921), como também organizou visitas guiadas para os seus alunos de liceu no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Foi assim que no final da década de 1920 criou o serviço de extensão escolar neste museu. A partir de então os públicos dos museus foram-se alargando, passando a incluir recentemente as pessoas com deficiência (PD). Para isto contribuiu também o movimento de democratização cultural e educativa na Europa que ganhou expressão entre 1960 e 1980 (Deshayes, 2002).

É no contexto dos museus como espaços de aprendizagem informal para PD que esta apresentação se enquadra. O projeto “Cultura para Todos Bragança” (ref. NORTE-07-4230-FSE-000058) do Município de Bragança foi implementado pelo Instituto Politécnico de Bragança e teve por princípio norteador uma abordagem participativa e cocriativa com PD. Muitos têm sido os estudos que descrevem experiências de cocriação em contexto museológico e todos partilham um carácter experimental norteador pela exigência de esta se tornar prática comum e garantia de uma validade mais universalista (cf. Greco, 2018).

Museus e o projeto “Cultura para Todos Bragança”

A palavra ‘museu’ significava originalmente o espaço dedicado às Musas ou *mouseion*. Desde então os museus foram atravessando diferentes fases, como as coleções privadas ou gabinetes de curiosidades do séc. XVI até aos séculos XVIII e XIX em que estas instituições integraram os movimentos de orgulho nacional e educação livre. No séc. XX, os museus passam a ser encarados como locais de educação informal, onde os visitantes podem aprender e usufruir por meio de visitas guiadas ou atividades de mediação.

Os serviços educativos acompanharam o nascimento dos primeiros museus públicos em Portugal, de que João Couto é considerado o “pai”. Este organizou visitas guiadas para os seus alunos de liceu no Museu Nacional de Arte Antiga, onde, na década de 1920, criou o serviço de extensão escolar. Na Europa, os serviços educativos e outras atividades de educação informal contribuíram para o movimento generalizado de democratização da cultura e educação na Europa entre 1960 e 1980 (Deshayes, 2002).

Foi neste contexto que o projeto “Cultura para Todos Bragança” (ref. NORTE-07-4230-FSE-000058) foi desenvolvido. Este projeto resultou de uma candidatura do Município de Bragança ao NORTE2020 que foi implementado pelo Instituto Politécnico de Bragança. O seu objetivo foi tornar 5 espaços culturais da cidade acessíveis a todos, com um enfoque especial nas PD. A equipa do IPB incluiu professores, bolsiros de investigação e pessoas com deficiência auditiva, intelectual e visual no papel de cocriadores e de consultores.

Desta forma, a abordagem do projeto foi assumidamente participativa e cocriativa com as PD. Neste contexto, contam-se inúmeros estudos que descrevem experiências de cocriação em museus com um carácter experimental que corroboram a necessidade e urgência de estas experiências se tornarem prática comum e garantia de uma validade mais universalista e proativa, de acordo com Greco (2018), para quem não há acessibilidade sem participação.

Metodologia e discussão de resultados

De entre as diversas exposições trabalhadas, é aqui descrita 1 experiência de cocriação no Centro de Fotografia Georges Dussaud, relativa à exposição “Um olhar comprometido” de Nicolás Müller.

Para todas as exposições, as equipas de investigação e de consultores deslocavam-se ao espaço expositivo para trabalhar as exposições referidas. Nesta exposição, trabalhamos com 2 grupos de cocriadores com deficiência intelectual da Academia dos Santos Mártires e da ASCUDT (Associação Sócio Cultural dos Deficientes de Trás os Montes), sendo que somente a primeira instituição tinha experiência em linguagem fácil (LF), o recurso que se pretendia criar. Participaram 5 cocriadores, as 2 técnicas que os acompanhavam e 4 elementos da equipa de investigação.

Cada um dos consultores escolhia 3 a 5 fotos que incluíssem elementos de que mais gostavam, por exemplo, motivos agrícolas ou crianças. A descrição começava por ser individual e alargava-se para se tornar coletiva com a colaboração de todos os consultores. Assim, negociavam-se os significados a integrar nas descrições das fotos com a intervenção direta das técnicas e da coordenadora do projeto na função de facilitadoras. Os bolsiros tiravam notas ao vivo, gravavam e registavam a experiência em fotos. Estas notas eram posteriormente transformadas em texto que seguiam as normas internacionais de LF (e.g. Inclusion Europe, 2014), sendo que depois estes textos eram validados com os cocriadores em 2 rondas. Os textos foram gravados no estúdio da Escola Superior de Educação pelos próprios cocriadores, editados e transformados em vídeo para serem publicados no canal YouTube do projeto:

<https://www.youtube.com/@culturaparatodosbraganca2121>.

A inexperiência dos nossos consultores manifestou-se na sua timidez e receio de “fazer mal”. No entanto, ao longo do processo foram-se sentindo empoderados e realizados face ao produto final.

Conclusões

A experiência descrita afigurou-se um importante desafio a nível metodológico e operacional. O processo de investigação ação posto em prática foi iterativo, aproximando-se da abordagem da microetnografia, proposta por Risku *et al.* (2022).

Um dos aspetos menos positivos deste projeto e das metodologias desenvolvidas foi a sua falta de sustentabilidade, uma vez que o fim do projeto conduziu ao fim das metodologias participativas e cocriativas. A falta de divulgação contribuiu também para que as visitas criadas pelos nossos consultores com deficiência intelectual não tivessem um impacto mais relevante.

A participação de PD com deficiência intelectual em projetos científicos contribui para a sua integração social e cultural e para o desenvolvimento de processos (co)criativos únicos, por norma negligenciados. O domínio da metodologia subjacente a estes projetos contribui inevitavelmente para um desenvolvimento da educação inclusiva.

Agradecimentos

Pretendemos agradecer aos:

- bolsiros André Pinho, José Luís de Castro, Marta Ochoa e Lénira Rosário
- colaboradores internos Sandra Martins e Marisa Afoso
- consultores da Academia dos Santos Mártires, Bragança
- consultores cegos
- e consultor da comunidade Surda Bruno Antão.